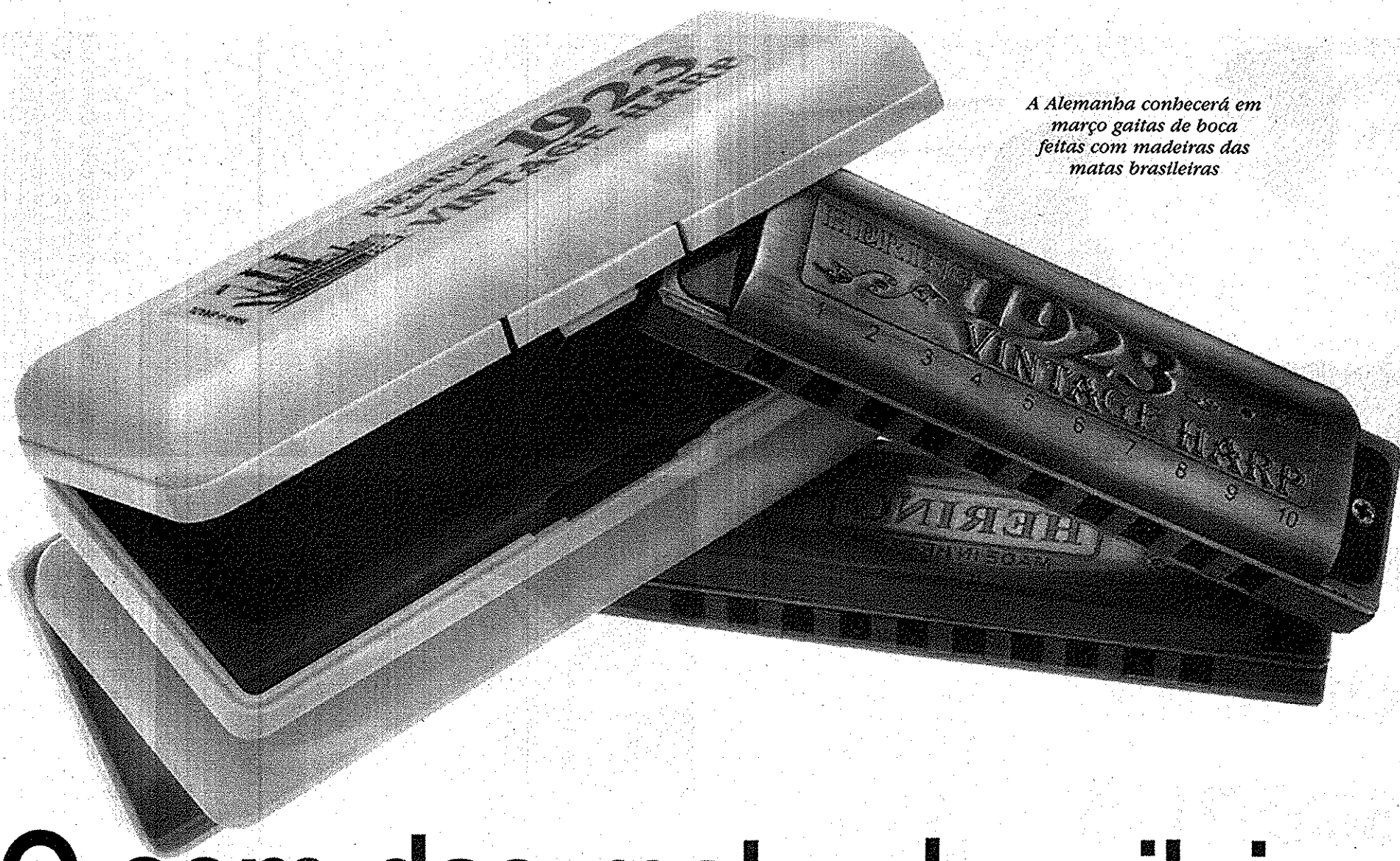


CULTURA
 PESQUISA



A Alemanha conhecerá em março gaitas de boca feitas com madeiras das matas brasileiras

O som das matas brasileiras

Ibama estuda madeiras especiais do Brasil para a fabricação de instrumentos musicais. Parceiros do exterior começam a mostrar interesse no projeto

GISELE TEIXEIRA
 De Brasília

Novos sons começam a sair das matas brasileiras, direto para o mercado internacional de música. Mais precisamente para a Alemanha. Em março, durante a feira Musikmesse, em Frankfurt, a maior da Europa, profissionais do setor terão a chance de experimentar as primeiras versões de gaitas de boca feitas com três espécies alternativas de madeiras brasileiras: açoita-cavalo, ipê e louro.

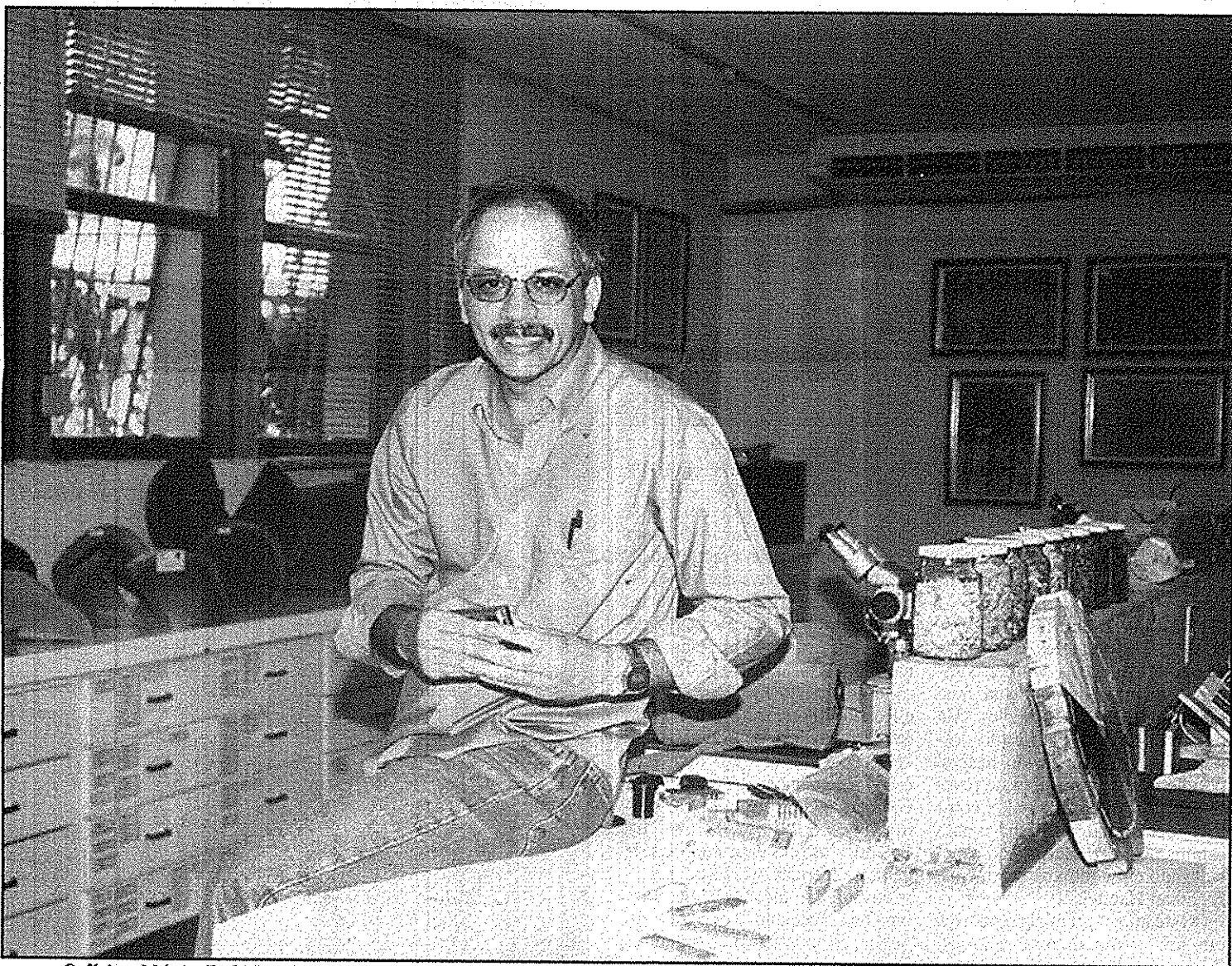
A novidade será apresentada pela Hering Harmônica, indústria catarinense que levará para a escala comercial um produto desenvolvido pelo Laboratório de Produtos Florestais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (LPF/Ibama). "Atualmente, as gaitas diatônicas profissionais são produzidas em plástico ou com madeira importada", informa o diretor da Hering Harmônica, Carlos Bertolazzi.

Ele explica que o mercado fabrica basicamente dois tipos de gaitas, as cromáticas, que reproduzem os meios tons; e as diatônicas, preferidas pelos bluesiros e que reproduzem somente as notas cheias. Estas últimas é que serão feitas com madeira nacional.

A novidade faz parte de um projeto de pesquisa para utilização de madeiras amazônicas em instrumentos musicais e deve abrir um mercado interessante para o Brasil. "A idéia é que a gente possa passar de importador para exportador de instrumentos musicais", afirma o físico Mário Rabelo de Souza, coordenador do LPF. Desde 1983 ele trabalha neste projeto, cujas pesquisas foram interrompidas por vários anos e retomadas em 2002.

O chefe do laboratório do Ibama, Marcus Vinícius da Silva Alves, acredita que a iniciativa valorizará a floresta tropical a partir do uso sustentável dos produtos, da criação de novos postos de trabalho e da geração de renda. "Nosso objetivo é dar ao mercado madeireiro, principalmente aos pequenos produtores, uma opção de alto valor agregado para madeiras pouco conhecidas ou para pedaços que usualmente são descartados nos setores mais convencionais, como o de móveis", destaca.

Para se ter uma idéia do potencial de mercado, segundo a Associação Brasileira de Música (Abmúsica), entidade que congrega os fabricantes de instrumentos musicais, o mercado nacional faturou R\$ 318 milhões em 2002, um crescimento de 6% sobre 2001 e bem superior ao apresentado dez anos atrás, quando beirava os R\$ 100 milhões. No ano passado, as im-



O físico Mário Rabelo, do LPF/Ibama, foi responsável pelos testes de ressonância e montagem das primeiras gaitas

portações chegaram a R\$ 29,3 milhões, enquanto que as vendas ao exterior ficaram em R\$ 9,2 milhões.

O projeto da gaita foi desenvolvido em oito meses e fez parte da tese de graduação em engenharia florestal do músico Pablo Fagundes, orientado por Rabelo. O gaitista, que toca nas

bandas brasileiras Pé de Cerrado (ritmos brasileiros) e Celso Salim (só de blues), testou dez espécies alternativas recolhidas da Floresta Nacional dos Tapajós, na Amazônia, para uso no instrumento, de um universo de 100 pré-selecionadas: louro, amapá-doce, breu-sucuruba, copaíba, ipê, maçaranduba, mog-

no, açoita-cavalo, tocacazeiro e tauari.

Desse total, oito foram aprovadas nos testes mecânicos, como resistência das fibras e, por questões econômicas, três selecionadas para os de timbre, mais caros, feitos em estúdios profissionais. O Mogno (com exploração proibida no País) só foi usa-

do como parâmetro de qualidade para as demais espécies na manufatura desses instrumentos. "Mas outras madeiras, copaíba e tauari, também produzem sons excelentes", destaca o músico.

Uma das conclusões mais interessantes é que há uma diferença de timbre entre as madeiras. "O açoita-cavalo, por exemplo,

responde melhor ao blues, enquanto que o Ipê aos ritmos brasileiros mais rápidos", conta Fagundes. Estas indicações, no entanto, ainda são muito pessoais. "Vamos colocar as gaitas nas mãos de outros profissionais para testar estas impressões", comenta o músico.

Na parceria, a Hering Harmônica forneceu as placas de voz, o corte da madeira e as ferragens. O LPF/Ibama entrou com a escolha e a indicação das espécies, o tratamento das madeiras, a preparação das fichas e os testes de ressonância desenvolvidos por Rabelo, além da montagem do instrumento.

Uma vantagem já é clara. De acordo com os pesquisadores, as gaitas tradicionais produzidas com madeiras importadas apresentam problemas em cidades litorâneas, principalmente de inchaço, devido à maresia e umidade. Neste quesito, as feitas com madeiras brasileiras apresentaram resultados superiores às similares importadas. Além disso, o uso de espécies nativas pode reduzir o preço do instrumento em cerca de 50%. A melhor do mercado atualmente é a gaita alemã fabricada pela Hohner, que custa em torno de R\$ 90. As nacionais saem por R\$ 45.

A Hering Harmônica, fundada em 1923 em Blumenau (SC), produz em torno de 80 mil gaitas por ano, sendo 30% para exportação para praticamente o mundo inteiro. A produção se divide entre produtos de plástico e de pau-marfim importado da Colômbia. A substituição desta madeira por tipos nacionais oriundos de planos de manejo, além de um bom negócio, é uma grande sacada de marketing da empresa.

A começar pelo lançamento, na Alemanha, país conhecido por suas preocupações ecológicas. "Além disso, ter o selo Ibama é uma tranquilidade para a gente. Há uma enorme receptividade do mercado internacional aos produtos brasileiros, principalmente quando eles têm certificado de origem e não são oriundos de desmatamento. E nós vamos explorar também este conceito", destaca Bertolazzi.

A produção comercial, no entanto, precisa ainda passar por seu teste final: os músicos do mercado internacional. "A receptividade deles é que vai orientar os trabalhos da indústria", diz o executivo. A julgar pela apresentação feita por Pablo Fagundes, em Brasília, não há dúvidas do bom desempenho das madeiras. Ele foi aplaudido em pé após dar timbres de copaíba às músicas "Berimbau" e "Consolação", de Baden Powell e Vinícius de Moraes, e toques de tauari em composições de Hermeto Pascoal.

Interesse de parceiros internacionais

O projeto "Avaliação de Madeiras Amazônicas para Utilização em Instrumentos Musicais", coordenado por Mário Rabelo de Souza, selecionou 50 espécies para testes acústicos — entre 400 que estão sendo analisadas cientificamente para uso em instrumentos musicais diversos. Elas terão seus estudos científicos direcionados para a fabricação de instrumentos de corda: guitarra, violão, violino, viola e violoncelo, além de piano, flauta, clarinete e xilofone. As madeiras também serão testadas para instrumentos de percussão, como a baqueta. A idéia é descobrir potenciais candida-

tas para uso específico: tampo de violão, teclas de piano, corpo de instrumentos diversos, etc.

Assim como a Hering Harmônicas, outros fabricantes serão convidados para confeccionar os novos instrumentos segundo as orientações do LPF/Ibama. As espécies selecionadas pelo Laboratório do Ibama para a fabricação de instrumentos musicais precisam ser compactas, resistentes e boas para trabalhar. Antes de testar a ressonância das madeiras, os especialistas analisam várias propriedades físicas e mecânicas básicas: peso, volume, flexão estática, elasticidade, dureza, cisalhamento, tração e compressão paralela e perpendicular às fibras — para medir a re-

sistência máxima e o esforço limite de cada espécie.

Pela tradição musical da Europa, o LPF/Ibama está recebendo convites de parcerias internacionais para desenvolver o projeto e divulgar a potencialidade das espécies brasileiras na fabricação desses instrumentos. Uma das interessadas é a Escola Suíça de Engenharia para a Indústria da Madeira, que pretende enviar em agosto um pesquisador ao Brasil para conhecer o projeto do Laboratório e, possivelmente, firmar o primeiro acordo de cooperação técnica internacional com o LPF/Ibama nessa área. A Escola de Lutheria, de Manaus, também está interessada em coletar amostras de espé-

cies alternativas para testes.

No mundo todo são conhecidas apenas umas 15 espécies efetivamente usadas em instrumentos musicais. Estas espécies são reconhecidas em todo o mundo como "a elite das madeiras". Segundo o Ibama, as madeiras alternativas brasileiras têm potencial comprovado em estudos anteriores para substituir com vantagens a maioria delas. Os resultados do trabalho brasileiro serão divulgados em um catálogo ilustrado com os instrumentos musicais manufaturados, acompanhados de CDs com sons que comprovarão seus potenciais acústicos.

(G.T.)